



# Escola, família e percepção prosódica: um estudo experimental da oitiva de alunos das séries iniciais de Vitória da Conquista na Bahia

*School, family and prosodic perception: an experimental study of the hearing of students  
from the initial grades of Vitória da Conquista in Bahia*

Mércia Rodrigues Gonçalves Pinheiro\*  
*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia*  
Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Vera Pacheco\*\*  
*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia*  
Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

**Resumo:** Ao se escutar a leitura em voz alta de um texto, espera-se que a compreensão completa do que se está ouvindo se dê a partir da percepção das variações prosódicas presentes nessa leitura. O hábito de leitura é um fator importante para o desenvolvimento dessa habilidade que é uma característica importante na constituição do leitor crítico. Partindo desse pressuposto, nosso trabalho busca investigar o nível de percepção prosódica dos alunos das séries iniciais de escolas públicas e privadas da cidade de Vitória da Conquista/BA, considerando-se o nível de escolaridade dos pais desses alunos, bem como considerando-se o hábito de leitura de pais e alunos. Nossa hipótese, é que alunos da escola privada, filhos de pais com graduação completa têm maior nível de percepção prosódica. Nosso objetivo é descrever a relação entre o tipo de escola (pública e privada), grau de escolaridade dos pais, hábito de leitura e percepção de variação prosódica. Para dar conta do objetivo aqui proposto, realizou-se um experimento que consistiu na oitiva, por alunos das séries iniciais, da gravação do texto Cinderela, preparado com a presença de marcadores prosódicos lexicais de volume, a saber, *disse alto* e *disse baixo*. Após a oitiva da gravação, os estudantes realizaram uma tarefa de percepção que tinha por finalidade averiguar o nível de percepção da variação de volume presente nas gravações tocadas. Em análise prévia, foi verificado, por meio de questionário, o nível de escolaridade dos pais dos sujeitos participantes dessa pesquisa e o hábito de leitura de pais e alunos. Os resultados são discutidos considerando-se o papel da escola pública e privada e o nível socioeconômico familiar dos alunos na constituição de sujeitos enquanto leitores proficientes.

**Palavras-chave:** Fonética. Leitura. Percepção. Prosódia.

\* Mestranda em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/PPGLin), Vitória da Conquista – Bahia, Brasil. E-mail: merciauesb@outlook.com.

\*\* Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/PPGLin), Vitória da Conquista – Bahia, Brasil. E-mail: vera.pacheco@gmail.com.br.

**Abstract:** When listening to the reading aloud of a text, it is expected that the complete comprehension of what is being heard comes from the perception of the prosodic variations present in this reading. The reading habit is an important factor for the development of this skill which is an important feature in the constitution of the critical reader. Based on this assumption, our work seeks to investigate the prosodic perception level of students in the initial grades of public and private schools in the city of Vitória da Conquista / BA, considering the educational level of the parents of these students, as well as considering the reading habit of parents and students. Our hypothesis is that private school students, children of parents with a full degree status have a higher level of prosodic perception. Our objective is to describe the relationship between the type of school (public or private), educational level, reading habit and perception of prosodic variation. In order to account for the objective proposed here, an experiment was carried out, which consisted in the hearing of the early grades by the recording of the text Cinderella, prepared with the presence of lexical prosodic volume markers, namely, said high and said low. After hearing the recording, the students performed a perception task that aimed to ascertain the level of perception of the volume variation present in the recorded recordings. In a previous analysis, it was verified, through a questionnaire, the educational level and the socioeconomic level of the parents of the participants of this research and the reading habits of parents and students. The results are discussed considering the role of public and private schools and the students' family socioeconomic level in the constitution of subjects as proficient readers.

**Keywords:** Phonetics. Reading. Perception. Prosody.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao se escutar a leitura de um texto em voz alta, espera-se que a compreensão completa do que está se ouvindo ocorra a partir da percepção das variações prosódicas presentes nessa leitura. O hábito de leitura é um fator importante para o desenvolvimento dessa habilidade que é uma característica relevante na constituição do leitor crítico. Dessa maneira, nas discussões sobre o processamento da leitura, encontra-se a preocupação com a fluência de leitura, entendida como a habilidade de ler textos em voz alta com prosódia, precisão e velocidade adequadas, contribuindo, significativamente, para o reconhecimento automático das palavras, cooperando com a compreensão do material lido (BREZNITZ, 2006, p. 107).

Nesse sentido, em geral, as pesquisas têm demonstrado que a capacidade de ler com precisão, velocidade e ritmo adequados, a denominada fluência de leitura, relaciona-se diretamente com a compreensão do texto (GOOD; SIMMONS; KAME'ENUI, 2001, p. 38).

Sabemos que a oralidade e a escrita constituem duas modalidades linguísticas que se relacionam por meio dos marcadores prosódicos. Esses marcadores são responsáveis por registrar, na escrita, as variações melódicas da fala. Segundo Cagliari (1989, p. 49), um texto escrito possui marcas gráficas que têm como função principal indicar para o seu leitor como deverão ser as variações melódicas e entoacionais da passagem que estão sob o escopo dessas marcas gráficas - que podem ser de natureza diversa e incluem desde formatação do texto à escolha lexical e uso de pontuação.

Os marcadores prosódicos (MPs) são, então, recursos gráficos usados na escrita para determinar o comportamento prosódico do leitor. São recursos que expressam informações de caráter estritamente prosódico que são típicas da oralidade, em situações comunicativas. Assim, são considerados marcadores prosódicos: tipo e tamanho de letra,

paragrafação, transcrição fonética, referências ao modo de dizer e sinais de pontuação (CAGLIARI, 1989, 2002).

Diante dessa reflexão, de acordo com Pacheco (2006, p. 47), alguns desses marcadores constituem entradas lexicais no léxico mental dos falantes e, sendo uma entrada lexical, estão sujeitas ao funcionamento de qualquer unidade lexical, como, por exemplo, pertencer a uma classe gramatical.

Segundo Pacheco (2006, p.47), esses marcadores prosódicos são do tipo lexical, podendo ser tratados, então, como Marcadores Prosódicos Lexicais (MPL) que possuem tanto informações da ordem da escrita, já que são palavras constituídas ortograficamente, quanto da ordem da fala, precisamente, prosódica, já que sua carga semântica traz necessariamente informações que remetem a variações prosódicas.

Pacheco (2006, p.48) afirma que, semelhante às expressões lexicais, os sinais gráficos funcionam como marcadores prosódicos, mas, diferentemente delas, não possuem uma natureza lexical. Esses sinais, presentes na escrita, constituem uma representação gráfica que pode assumir um valor prosódico. Dessa forma, esse grupo de marcadores prosódicos pode ser considerado Marcadores Prosódicos Gráficos (MPG) e inclui todos os sinais de pontuação.

A partir dessas constatações, o presente trabalho tem como objetivo investigar o nível de percepção prosódica dos alunos das séries iniciais de escolas públicas e privadas da cidade de Vitória da Conquista/BA, considerando-se o nível de escolaridade e o nível socioeconômico dos pais desses alunos, bem como considerando-se o hábito de leitura de pais e alunos.

O objetivo acima visa responder a seguinte pergunta: os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental I de escolas pública e privada percebem as variações prosódicas incitadas pelos MPLs quando ouvem uma leitura em voz alta?

A hipótese que defendemos neste trabalho é a de que alunos da escola privada, filhos de pais com graduação completa têm maior nível de percepção prosódica. Nosso objetivo é descrever a relação entre o tipo de escola (pública ou privada), grau de escolaridade dos pais, hábito de leitura e percepção de variação prosódica.

Para fundamentar este estudo, utilizamos como base teórica os estudos de Cagliari (1989), Perfetti (1985), Smith (1989), Cagliari (1992), Morais (1996), Cutler et al. (1997), Cagliari (2002), Pacheco (2003), Pacheco (2008), Santos (2016), entre outros.

Para atender a esse objetivo, realizou-se um experimento que consistiu na oitiva, por alunos das séries iniciais, da gravação do texto Cinderela, preparado com a presença de marcadores prosódicos lexicais de volume, a saber: *disse alto* e *disse baixo*. Após a oitiva da gravação, os estudantes realizaram uma tarefa de percepção que tinha por finalidade averiguar o nível de percepção da variação de volume presente nas gravações tocadas.

Nas próximas seções, discutiremos os conceitos, ato e fluência de leitura. Em seguida, apresentaremos a metodologia utilizada para a realização deste trabalho. Posteriormente, analisaremos e discutiremos os resultados encontrados. Destacamos ainda, que, nessa análise, foi verificado, por meio de questionário, o nível de escolaridade e o nível socioeconômico dos pais dos sujeitos participantes dessa pesquisa e o hábito de leitura de pais e alunos. Os resultados são discutidos considerando-se o papel da escola

pública e privada e o nível socioeconômico familiar dos alunos na constituição de sujeitos enquanto leitores proficientes. A seguir, formalizaremos as considerações finais.

Acreditamos que este estudo poderá contribuir tanto para a área da educação quanto para a área da linguística na medida em que busca apontar caminhos para a reflexão teórica e prática sobre as formas de leitura nas séries iniciais partindo da fonética e da sociolinguística.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 CONCEITO, ATO E FLUÊNCIA DE LEITURA

O conceito de leitura não é unívoco. Os estudos e pesquisas sobre leitura apresentam uma variedade de definições para essa manifestação de linguagem que, na maioria das vezes, fundamentam o seu ensino nas escolas brasileiras.

Iniciamos, assim, apresentando o conceito do verbo Ler encontrado no Dicionário Aurélio Eletrônico (1999, p. 328):

1. Percorrer com a vista (o que está escrito) proferindo ou não as palavras, mas conhecendo-as.
2. Pronunciar em voz alta; recitar (o que está escrito).
3. Ver e estudar (coisa escrita).
4. Perceber (sinais, signos, mensagem) com a vista ou com o tato, compreendendo lhes o significado:
5. Observar (algo, ou certos sinais, características, etc.), percebendo, intuindo ou deduzindo a significação; decifrar ou interpretar o sentido de:
6. Adivinhar, predizer dessa maneira:
7. Interpretar o aspecto de (radiografia), o resultado de (teste), etc.
8. Reconhecer, perceber; sentir:
9. Explicar ou prelecionar como professor:
10. Realizar leitura de; captar, em determinado suporte físico (uma sequência de signos aí marcados ou registrados, ou uma série de modificações de um sinal), recuperando ou permitindo recuperar a informação nele armazenada:
11. Restr. Inform. Copiar (informação presente em algum meio de armazenamento) para a memória principal do computador, onde a informação fica disponível para ser processada:
12. Ver as letras do alfabeto e juntá-las em palavras, repetindo-as mentalmente ou em voz alta (DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO, 1999, p. 328).

Como podemos observar no verbete supracitado, o ato de ler envolve diferentes ações e conceitos. Na teoria sobre essa temática, podemos identificar transformações na maneira de compreender o processo/ato de leitura, o que, para Leffa (1999, p. 36), se realiza a partir de múltiplos processos que ocorrem tanto simultânea quanto sequencialmente, de modo a interagirem texto e leitor que, juntos, constituem uma engrenagem.

Do ponto de vista linguístico, Cagliari (1989, p. 196) afirma que no processo de leitura a maior tarefa é a de decifrar as palavras. No entanto, segundo esse autor, isso não é tudo quando se trata de recuperar integralmente o que texto oferece. O leitor precisa,

também, concatenar as palavras em unidades maiores (fonológicas, sintáticas, semânticas, discursivas, etc.) (PACHECO 2003, p. 8).

De acordo com Pacheco (2003, p.8), essa tarefa de concatenação em unidades maiores é favorecida por recursos gráficos presentes no texto, como o uso de letras maiúsculas, pontos finais, travessão, vírgulas, aspas, pontos de exclamação, interrogação, uso de negrito, itálico, etc. Além disso, há referências ao modo de falar, tais como "disse", "tagarelou", "murmurou", etc. que permitem ao leitor caracterizar a fala dos personagens, aproximando-o do que seria a fala real, recuperando elementos como a qualidade de voz (Cagliari, 1989, p.197).

Cagliari (1989, p. 199) afirma que, ao ler um texto, o leitor age como falante e usa todas as marcas presentes no texto escrito, aproximando-se, ao máximo, do que seria a fala oral.

Assim, podemos entender que a leitura é uma habilidade que é ensinada, desenvolvida e motivada. A nosso ver, os professores, pais e outros mediadores de leitura precisam estar conscientes desses conceitos que caracterizam o processo de leitura, pois conscientes dos mecanismos subjacentes nessa habilidade de linguagem, esses sujeitos poderão atuar positivamente durante o período de aquisição da leitura das crianças.

De acordo com Santos (2016, p. 23), o processo de aprendizagem da leitura é constituído por mecanismos complexos e sofisticados, contrariando a concepção tradicional que conceitua a leitura enquanto mero processo de decodificação de símbolos gráficos.

Na concepção de Smith (1989, p. 98), ler é menos uma questão de extrair sons das letras impressas do que dar significado a essas letras. Do ponto de vista da psicolinguística cognitiva, no processamento da leitura, são indispensáveis dois componentes: (i) decodificação – por meio da qual as palavras são reconhecidas mediante a análise de suas características visuais; (ii) integração sintática e semântica – atreladas à compreensão e à integração de unidades linguísticas mais amplas como, por exemplo, frases, enunciados e textos (PERFETTI, 1985, p. 61). Para Santos (2016, p.23), no ato da leitura, ao mesmo tempo em que é feita a decodificação dos símbolos escritos, é, também, exigida a compreensão dessas impressões gráficas que podem ser influenciadas por inúmeros fatores capazes de determinar duas posições distintas: o fracasso ou o sucesso de um leitor.

Diferentemente disso, Morais (1996, p. 28) assevera que à medida que o reconhecimento de palavras se torna mais rápido e automático mais espaço na memória de trabalho é dispensado para a realização de operações complexas como, por exemplo, a análise sintática, a integração semântica dos constituintes da frase e a integração das frases na organização textual – processos fundamentais na compreensão da leitura.

Para Santos (2016, p. 24), o leitor não fluente apresenta uma leitura não fluida, sem ritmo, sem suavidade e desconexa. Com isso, o foco da sua atenção está voltado para a decodificação no nível da palavra de modo que a compreensão do material lido fica prejudicada. Por esta razão, a fluência de leitura vem sendo atrelada à velocidade com que o indivíduo decodifica o texto. A rapidez com que o leitor transforma o texto em

linguagem falada tem sido identificada como um importante componente de proficiência em leitura (ALLINGTON, 1983, p. 558).

Santos (2016, p.24) assegura, ainda, que a fluência de leitura é reconhecida atualmente como um componente essencial nos trabalhos com a leitura, sobretudo, em atividades com indivíduos em estágio inicial de leitura e/ou indivíduos com dificuldades de leitura. A fluência de leitura é, então, uma característica que distingue os leitores proficientes dos leitores menos proficientes (HUDSON; LANE E PULLEN, 2005 p. 709).

Dessa forma, autores como Shreiber (1991, p. 160), Kuhn (2003, p. 15) e Breznitz (2006, p. 36) apontam os aspectos prosódicos como sendo integrantes do processo de desempenho da leitura devido à sua relevância para a compreensão do material lido. De acordo com Santos (2016, p. 26), os leitores capazes de utilizar os aspectos prosódicos de forma apropriada apresentam uma leitura mais fluida, que mostram características de expressividade da linguagem oral – somadas à precisão, velocidade e compreensão – podem ser considerados como sendo leitores fluentes.

## 2.2 PROSÓDIA E MARCADORES PROSÓDICOS

Os elementos prosódicos têm importância essencial para a língua como um todo e, especialmente, em turnos conversacionais, constituindo um decisivo intrínseco da língua falada (CUTLER *et al.* 1997, p. 168). Para Cagliari (1992, p. 42), a prosódia é a essência da língua falada, de maneira que, a língua oral seria tão absurda sem a prosódia, como, igualmente, seria sem os fonemas. De acordo com Cagliari (2002, p. 26), o papel básico dos elementos prosódicos na linguagem oral é, dentre outras, a de destacar ou restringir partes do discurso, de modo a enfatizar certas importâncias dos enunciados em detrimento de outros. A prosódia é uma das formas de que o falante tem para dizer ao seu interlocutor como ele deve se comportar diante do que ouve (CAGLIARI, 1992, p. 47).

Além da grande relevância para o discurso, a prosódia é, também, fundamental para o sistema linguístico de uma língua, sendo responsável por muitos processos fonológicos (MATEUS *et al.*, 1990, p. 27). Para Cagliari (1986, p. 49), os processos fonológicos segmentais devem ser considerados em lugar de parâmetros suprasegmentais, em especial, do ritmo. Pacheco (2003, p. 4) afirma que esses autores mostram, por exemplo, destaques acústicos de que as reduções vocálicas aparecem, principalmente, nos contextos em que o ritmo tende a ser mais acentual.

Shatuck-Hufuage e Turk (1996, p. 221) mostram que a prosódia realiza uma função importante para a sintaxe. De acordo com esses autores, uma frase ambígua pode perder a ambiguidade simplesmente por variações prosódicas.

Segundo Pacheco (2003, p. 5), a prosódia ultrapassa o limite linguístico-discursivo podendo, em alguns casos, a fornecer informações psicológicas do falante. Conforme mostram Erickson *et al.* (1998, p. 410), a prosódia determina o aspecto emocional do falante. De fato, sentimentos como, por exemplo, a alegria, a tristeza, a dor, a agonia, etc. de um sujeito, podem ser percebidas pela prosódia de sua fala.

De acordo com Pacheco (2003, p. 5) embora muito teórico defendam a ideia de que a língua falada possui características que a escrita não tem e dentre essas características a prosódia (Shattuck-Hufnagel; Turk 1996, p. 244), Cagliari (1989, p.199), ao contrário, defende que a nossa língua tem recursos que dão conta de representar variações da fala, sim.

Diante dessa reflexão, Cagliari (2002, p. 33) assegura que a o “problema” da escrita está associada a quem escreve do que aos próprios recursos existentes no sistema. Um texto escrito, como a narração, possui marcas que apresentam informações prosódicas, que são denominadas de marcadores prosódicos da escrita, a saber: os sinais de pontuação, a formatação de um texto, referências ao modo de dizer, as quais se dão, basicamente, por meio de advérbios como, por exemplo, *nervosamente, com medo, rispidamente, entre outros*.

Destacamos que, do prisma de uma visão composta por aspectos fonéticos e fonológicos, como fazem Cutler, Dahan e van Donselaar (1997, p. 118) e Shattuck-Hufnagel e Turk (1996, p. 205), e ainda, a partir de sentidos distintos do termo “prosódia” durante a história dos estudos linguísticos, Cagliari (2002, p. 35) afirma que a prosódia deve ser conceituada tanto da perspectiva da constituição sonora da linguagem quanto da perspectiva do significado.

A respeito da perspectiva da constituição sonora, o autor apresenta uma definição mais peculiar e outra mais abrangente do termo. Em uma definição mais peculiar, segundo Cagliari (1989, p. 199; 2002, p. 27), a prosódia está ligada à manifestação fonética de três elementos supra-segmentais, a saber: intensidade, melodia e duração. Já, em uma definição mais abrangente, conforme o autor, seriam entendidos como prosódicos outros fatores como: marcas de saliência (ársis/tésis), andamento, velocidade de fala, registro e qualidade de voz.

Do ponto de vista do significado, a palavra “prosódia” refere-se aos fenômenos atrelados a fatos sintáticos (tipos de frase: exclamativa, interrogativa, entre outros), à definição semântica (ambiguidade, atos de fala, etc.), à definição sócio-pragmática (usos da linguagem) e às características discursivas e para-linguísticas (atitudes do falante) (CAGLIARI, 1992, p. 141).

A proposta de Cagliari (1992, p. 145), além disso, demarca os tipos de suprasegmentos que formam os aspectos prosódicos, bem como dá conta de variações dessa natureza que tanto agregam questões de ordem linguística quanto questões de ordem para-linguística, como, por exemplo, variações prosódicas decorrentes de sexo do falante, de sua idade, região de origem, etc.

Além da prosódia linguística e para-linguística, abertamente consideradas na definição de Cagliari (1992, p. 137), há ainda um outro tipo de prosódia que também é contemplada na definição do autor: a prosódia extralinguística. Esse tipo de prosódia refere-se às variações supra-segmentais tais como, qualidade de voz e altura decorrentes do estado emocional e afetivo do falante (STEVENS, 1974, p. 59), sendo, por isso, também entendida como prosódia emocional ou afetiva. A prosódia emocional ou afetiva é considerada como um aspecto da linguagem que expressa a emoção que há por trás da palavra e que pode mudar a intenção de um enunciado ao expressar alegria, tristeza, raiva, confusão (MARTINS, 1997, p. 51).

Partindo desse pressuposto, a escrita conta, ainda, com dois outros tipos de marcas para indicar variações prosódicas, são elas: a) referências às atitudes e ao modo de dizer – que se dão, basicamente, por meio de advérbios como, por exemplo, nervosamente, com medo, rispidamente, ou, ainda, com o uso de verbos, a exemplo de gritou, murmurou; e b) sinais de pontuação – ponto final, interrogação, exclamação, dentre outros. A esses recursos gráficos e aos demais Cagliari (1989, p. 195) dá o nome de marcadores prosódicos (MP) da escrita.

Os MPs são recursos gráficos usados na escrita, são recursos que expressam informações de caráter estritamente prosódico que são típicas da fala oral, em situações comunicativas. São considerados marcadores prosódicos: tipo e tamanho de letra, paragrafação, transcrição fonética, referências ao modo de dizer e sinais de pontuação (CAGLIARI, 1989, p. 67; 2002 p. 38).

Assim, para Cagliari (1989, p. 196), aspectos como estes das situações comunicativas são representados na escrita por meio de expressões semânticas, já que são pequenas “descrições de situações em que a fala aparece bem definida em vários aspectos fonéticos, inclusive prosódicos” (CAGLIARI, 2002, p. 10).

Para Pacheco (2006, p. 48), esses marcadores constituem entradas lexicais no léxico mental dos falantes e, assim sendo, estão sujeitas, ao funcionamento de qualquer unidade lexical, como, por exemplo, ao de pertencer a uma classe gramatical.

Dessa forma, as referências semântico-lexicais de cunho prosódico podem pertencer a diferentes categorias gramaticais, podendo ser: adjetivo, advérbio, expressões adverbiais – que são usadas para qualificar prosodicamente o significado de um verbo que se refere ao ato de falar (CAGLIARI, 2002, p. 32).

Vale lembrar, que o que torna essas entradas lexicais diferenciadas ao ponto de serem consideradas marcadores prosódicos é, justamente, a sua carga semântica que traz informações de cunho prosódico podendo referir-se às atitudes do falante, aos seus sentimentos, ao ritmo, ao volume, ao andamento, enfim, a qualquer um dos parâmetros característicos da prosódia como um processo geral (CAGLIARI, 2002, p. 11).

Para Pacheco (2006, p. 48) um marcador prosódico do tipo lexical, podendo ser tratado, então, como Marcadores Prosódicos Lexicais (MPL) que possuem tanto informações da ordem da escrita, já que são palavras constituídas ortograficamente, quanto informações da ordem da fala, precisamente, prosódica, já que sua carga semântica traz necessariamente informações que remetem a variações prosódicas.

Segundo Cagliari (2002, p. 39), a Língua Portuguesa possui várias palavras e expressões que podem ser usadas na escrita com o intuito de fazer referência a elementos prosódicos de várias naturezas, como, por exemplo, ao acento. Na língua escrita, referências ao acento podem ser encontradas em expressões como falou acentuando bem as palavras; *disse enfaticamente*.

Conforme os autores citados no texto nesta seção, a prosódia traz várias pistas interessantes que podem contribuir para a explicação do nível de percepção prosódica realizadas por nós em alunos de Escolas Pública e Particular de Vitória da Conquista na Bahia.

Para dar continuidade aos nossos estudos, na seção seguinte, abordaremos os materiais e métodos utilizados para a realização desta pesquisa.

### 3 MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho tem como objetivo investigar o nível de percepção prosódica dos alunos das séries iniciais de escolas públicas e privadas da cidade de Vitória da Conquista/BA, considerando-se o nível de escolaridade e o nível socioeconômico dos pais desses alunos, bem como considerando-se o hábito de leitura de pais e alunos.

O objetivo acima visa responder a seguinte pergunta: os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental I de escolas pública e privada percebem as variações prosódicas incitadas pelos MPLs quando ouvem uma leitura em voz alta?

Diante desta pergunta, a hipótese deste trabalho é a de que alunos da escola privada, filhos de pais com graduação completa e nível socioeconômico mais elevado podem apresentar maior nível de percepção prosódica. Nosso objetivo é descrever a relação entre o tipo de escola (pública ou privada), grau de escolaridade e nível socioeconômico dos pais, hábito de leitura e percepção de variação prosódica.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: delineamento; variáveis; *corpus*; escolha das escolas; escolha do texto; seleção dos sujeitos; e, por fim, a resolução do Comitê de Ética (detalhadas abaixo).

Esta pesquisa foi realizada com 72 (setenta e dois) sujeitos – sendo, 6 (seis) alunos de cada série – 3 (três) meninos e 3 (três) meninas de cada sala do 3º, 4º e 5º anos das séries iniciais do Ensino Fundamental I de 2 (duas) escolas, uma pública e uma privada e seus pais. Estes alunos foram escolhidos pela coordenação das escolas e nossa única exigência foi que os alunos não tivessem nenhum desvio de fala ou audição e que soubessem ler.

O desenvolvimento deste trabalho deu-se em três (3) etapas sequenciais e distintas: a primeira consistiu na seleção do texto (ricos em marcadores prosódicos lexicais) que foi pensado de acordo com os níveis de escolaridade dos investigados; a segunda refere-se à gravação do fragmento do texto Cinderela (adaptado) por um leitor fluente com três variações prosódicas – alta, baixa e normal, em seguida, esse áudio foi tocado para os alunos para que pudéssemos aplicar o teste de percepção, após a oitiva da gravação, os estudantes realizaram uma tarefa de percepção que tinha por finalidade averiguar o nível de percepção da variação de volume presente nas gravações tocadas, finalmente, a terceira etapa concretizou-se por meio de questionário cujo intuito foi o de verificar o nível de escolaridade dos pais dos sujeitos participantes dessa pesquisa assim como o hábito de leitura desses pais e alunos.

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos, optou-se por um estudo quali-quantitativo, experimental e transversal uma vez que esta abordagem permitirá compreender o fenômeno em sua totalidade.

Para esta pesquisa, foram analisadas as variações de níveis de escolaridade, sexo, hábito de leitura e percepção das variações melódicas que aparecem sob incidência dos MPLs.

O material coletado foi selecionado e analisado cuidadosamente de acordo com cada série e sexo e em seguida separado por números de acertos e erros e mensurados por meio de regra de três para se obter a média por salas e escolas, em seguida, foram feitas as análises dos questionários de pais e alunos, sendo que, primeiro, diferenciamos por escolas, depois, por sexo e, logo em seguida, calculando-se as médias por cada aluno e pai de cada série e escola. Salientamos que, com esse procedimento, foi possível avaliar se os alunos percebiam a variação prosódica no texto que foi tocado para eles e, com o segundo questionário, pôde-se analisar o nível de escolaridade e o hábito de leitura de cada aluno bem como de seus respectivos pais.

Para a execução desta pesquisa, constituiu-se o seguinte *corpus*: gravação de um fragmento adaptado do texto de Cinderela por um leitor fluente. Essa gravação foi tocada para os alunos, aos quais, logo após, foram aplicadas tarefas de percepção e, em seguida, um questionário para os alunos e para seus pais que objetivou analisar o nível de escolaridade e o hábito de leitura desses informantes.

A motivação por essas escolas foi a facilidade de acesso, haja vista que, embora distante do centro e com importância social e cultural diferentes, estas duas escolas, por serem de diferentes realidades – uma escola privada e uma pública, têm pontos que podem ser comparados, a exemplo de: em que medida os leitores são capazes de perceber os MPLs, já que as escolas seguem a LDB e as DCN's para “padronizar” cada nível educacional.

Buscamos adequar o texto (ricos em Marcadores Prosódicos Lexicais) escolhido para gravação ao grau de escolaridade dos sujeitos da pesquisa. Adaptado por nós, esse texto corresponde a um fragmento do conto Cinderela onde cada MPL apareceu 3 (três) vezes no texto.

Foram selecionados trinta e seis (36) informantes: três (3) alunos e três (3) alunas do 3º ano do ensino fundamental I de escola pública, três (3) alunos e três (3) alunas do 4º ano do ensino fundamental I de escola pública, três (3) alunos e três (3) alunas do 5º ano do ensino fundamental I de escola pública, três (3) alunos e três (3) alunas do 3º ano do ensino fundamental I de escola privada, três (3) alunos e três (3) alunas do 4º ano do ensino fundamental I de escola privada, três (3) alunos e três (3) alunas do 5º ano do ensino fundamental I de escola privada; e trinta e seis (36) pais, sendo um por aluno, totalizando mais setenta e dois (72) informantes.

Por esta pesquisa ser composta de informantes menores e de seus respectivos pais, foi necessária uma autorização do Comitê de Ética para que a pesquisa fosse a campo. Assim, através do CAAE: 09425018.3.0000.0055 foi liberado o Parecer de número 3.425.396, dessa maneira com a liberação para a pesquisa foi iniciada a coleta de dados e todo processo de mensuração e análises desses dados coletados.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os estudos que dizem respeito à leitura, fluência de leitura e prosódia estão aumentando gradativamente. A leitura realizada com a correta marcação prosódica tem sido de grande relevância para o entendimento do texto.

Diante dessa reflexão, Santos (2016, p. 26) assegura que indivíduos em estágios iniciais de leitura apresentam dificuldades maiores em procederem adequadamente com os aspectos prosódicos do texto. Por esta razão, o nível de compreensão textual de indivíduos em fase de escolarização tende a ser insatisfatório se comparado a indivíduos mais escolarizados.

Conforme a autora, a falta de marcação prosódica em uma leitura em voz alta é encontrada com maior frequência nos primeiros estágios de aquisição de leitura. Nessa fase, é comum a criança decifrar o texto de modo lento, sendo que, na maioria das vezes, negligenciam as marcas de pontuação permitindo que a marcação prosódica seja comprometida. Esse fato interfere significativamente na construção do sentido do texto lido. Contudo, a partir do aprimoramento e desenvolvimento da habilidade de leitura, a criança torna-se mais fluente, com exceção de crianças com algum distúrbio de leitura.

Nesse sentido, verificamos, também: se os sujeitos investigados no teste de percepção têm hábito de ler; a influência dos meninos e das meninas e a influência exercida pelos pais, bem como o grau de escolaridade e hábito de leitura de cada pai desses alunos.

Para avaliar se, em escolas pública e particular de Vitória da Conquista/Ba, a percepção da variação prosódica, atrelada ao hábito de leitura, revela-se da mesma forma nos dos tipos de escolas, realizamos análises comparativas dessas escolas, dos alunos e dos pais, de acordo com as análises feitas abaixo.

A Tabela 1 apresenta a resposta dos questionários respondidos por alunos (as) de Escola Pública e Privada de Vitória da Conquista/ Bahia informando se eles gostam ou não gostam de ler.

**Tabela 1** – Porcentagem de alunos (as) que gostam e que não gostam de ler do 3º ao 5º ano de escolas pública e particular

ANO	ESCOLA PÚBLICA		ESCOLA PARTICULAR	
	% de alunos que <b>gostam</b> de ler	% de alunos que <b>não gostam</b> de ler	% de alunos que <b>gostam</b> de ler	% de alunos que <b>não gostam</b> de ler
3º	50	50	83	17
4º	83	17	67	23
5º	50	50	83	17

Fonte: elaboração própria.

De acordo com a tabela 1, verificamos que os valores obtidos através das respostas de alunos (as) de 3º ao 5º anos Escola Pública que gostam de ler foi relevante.

Ainda, ao observar a tabela 1, percebemos que os dados indicados pelos alunos (as) de escola Particular, são maiores do que os alunos da Escola Pública, com exceção dos alunos (as) do 4º ano da Escola Pública.

Para os alunos (as) do 4º ano tanto da Escola Particular quanto da Escola Pública os valores foram próximos caracterizando diferença pequena.

Portanto, o resultado encontrado na Escola Particular tende a seguir o esperado: alunos (as) de Escolas Particulares costumam gostar de ler mais do que alunos da escola pública. Já, o resultado obtido com os alunos de 4º ano da escola Pública foi, de 83%, o que se caracteriza acima da média esperada.

A Tabela 2 apresenta resultados da comparação entre escola Pública e Privada para as respostas de alunos (as) que costumam ou não ler em casa.

**Tabela 2** – Porcentagem de alunos (as) que costumam e que não costumam de ler em casa do 3º ao 5º ano de escolas pública e particular

ANO	ESCOLA PÚBLICA		ESCOLA PARTICULAR	
	% de alunos que costumam de ler	% de alunos que não costumam de ler	% de alunos que costumam de ler	% de alunos que não costumam de ler
3º	50	50	50	50
4º	33	67	50	50
5º	50	50	50	50

Fonte: elaboração própria.

Conforme a tabela 2, observamos que os alunos (as) do 3º e 5º anos da Escola Pública que disseram gostar de ler também responderam que possuem o hábito de ler em casa, o que para nós não constitui diferença relativa, pelo fato de os valores serem exatamente iguais. Assim, os que disseram não gostar de ler também não fazem leitura em casa. Já, os alunos do 4º ano da Escola Pública assumiram que gostam de ler e mesmo gostando não costumam ler em casa porque não tem livros, a diferença encontrada com essas respostas se caracteriza importante, pois os alunos (as) de escola Pública que não que não leem em casa totaliza um valor de 50%, sendo que, de acordo com a tabela 1, 83% dos alunos (as) do 4º ano assumiram gostar de ler.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa, indicam que os alunos do 3º, 4º e 5º anos da Escola Particular foram interessantes, pelo fato de que os alunos disseram em resposta anterior que gostam de ler e mesmo assim não costumam ler em casa, a resposta torna-se intrigante pois, 50% é um número relevante e são crianças que tem acesso a livros. Os alunos de 3º e 5º anos tanto da escola particular quanto da escola pública obtiveram caracterizam-se por números idênticos na tabela 2.

Dessa maneira, os resultados encontrados na escola Pública seguem o esperado.

As tabelas 3, 4 e 5 apresentam as respostas dos pais dos alunos de Escola Pública e Privada quanto ao nível de escolaridade, gosto e hábito de leitura.

**Tabela 3** – Porcentagem do nível de escolaridade de pais de alunos do 3º ao 5º ano de escolas pública e particular

ANO	ESCOLARIDADE DOS PAIS DA ESCOLA PÚBLICA (%)			ESCOLARIDADE DOS PAIS DA ESCOLA PARTICULAR (%)		
	EMI	EMC	GC	EMI	EMC	GC
3º	-	100	-	17	66	17
4º	25	25	-	-	17	83
5º	50	33	17	17	-	83

Fonte: Elaboração própria.

OBS: EMI=Ensino Médio Incompleto; EMC=Ensino Médio Completo; GC=Graduação completa.

Dessa forma, observando a tabela 3, podemos verificar que existe diferença no nível de escolaridade dos pais de alunos (as) das duas escolas investigadas. A partir da análise da tabela 3, foi possível observar diferença de escolaridade entre os pais de alunos (as) da Escola Pública e os pais de alunos (as) da Escola Particular. Entretanto, essa diferença é notável quando verificamos na tabela 3 que os pais de alunos (as) do 3º e 4º anos de Escola Pública não têm graduação, deixando explícito que os pais desses alunos, em sua maioria, só concluíram o Ensino Médio.

Os dados dispostos na tabela 3, ainda nos permite verificar que, os pais da maioria dos alunos (as) da Escola Particular, fizeram uma graduação. Esses dados nos mostram que uma minoria dos pais de alunos (as) da Escola Pública fizeram um curso superior.

Vale ressaltar, que 50% pais de alunos (as) da Escola Pública não responderam essa pergunta.

A tabela 4 apresenta o resultado das respostas dos pais de alunos (as) de Escola Pública e Particular que costumam e que não costumam ler em casa.

**Tabela 4** – Porcentagem de pais de alunos do 3º ao 5º ano de escolas pública e particular que costumam e que não costumam ler

ANO	ESCOLA PÚBLICA		ESCOLA PARTICULAR	
	% de alunos que costumam ler	% de alunos que não costumam ler	% de alunos que costumam ler	% de alunos que não costumam ler
3º	83	17	83	17
4º	83	17	100	-
5º	67	33	83	17

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com os dados encontrados na tabela 4, é possível perceber que tanto os pais de alunos (as) da escola Pública quanto os pais de aluno (as) da Escola Privada tem um hábito de leitura expressivo.

Conforme a tabela 4, os valores obtidos através das respostas dos pais de alunos (as) de Escola Pública que gostam de ler foram relevantes, já que, em média, 83% a dos pais de alunos (as) da escola Pública bem como os pais de alunos (as) da Escola Particular, em sua maioria, assumiram gostar de ler. Ainda, ao observar a tabela 4, percebemos que os dados indicados pelos pais de alunos (as) de Escola Pública possui diferença irrelevante ao ser comparado, na tabela, pelos resultados (67%) encontrados a partir das respostas dos pais de alunos (as) de Escola Privada.

Para os pais de alunos (as) alunos (as) do 5º ano da Escola Pública percebemos uma pequena diferença comparados aos pais de alunos (as) da Escola Particular.

Portanto, o resultado encontrado na Escola Particular tende a seguir o esperado: pais de alunos (as) de Escolas Particulares costumam gostar de ler mais do que alunos da escola pública, isso tem a ver com o nível de escolaridade (que foi mostrado na tabela 3). Já o resultado obtido com pais de alunos (as) de da Escola Pública foi acima da média esperada.

A tabela 5 vem apresentar os dados dos pais que costumam comprar livros.

**Tabela 5** – Porcentagem de pais de alunos do 3º ao 5º ano de escolas pública e particular que compram e que não compram livros

ANO	ESCOLA PÚBLICA		ESCOLA PARTICULAR	
	% de alunos que <b>compram</b> livros	% de alunos que <b>não compram</b> livros	% de alunos que <b>compram</b> livros	% de alunos que <b>não compram</b> livros
3º	50	50	100	-
4º	25	75	100	-
5º	50	33	100	-

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos verificar na tabela 5, o resultado encontrado através do questionário respondido pelos pais de alunos (as) da Escola Particular é expressivo. Ao comparar esses dados com os obtidos pelos pais de alunos (as) da Escola Pública notamos que mesmo com um número mais baixo os pais de alunos (as) da Escola Pública ainda compram livros.

Acreditamos que a condição socioeconômica e o nível de escolaridade dos pais tem uma grande influência no hábito de leitura dos seus filhos.

Se fizermos uma comparação mais apurada da tabela 1, da tabela 2 e da tabela 5, veremos que os alunos (as) do 4º ano, alunos (as) que disseram gostar de ler na tabela 1 com um número significativo, na tabela 2 esses mesmos alunos (as) respondem que não

costumam ler em casa, ao chegar nas respostas dos pais notamos que os pais de alunos (as) do 4º ano de Escola Pública são os que menos compram livros. Isso nos leva a refletir sobre o porquê de as crianças não lerem em casa. Sendo assim, o grau de escolaridade dos pais tem influencia no hábito de leitura dos filhos.

A Tabela 6 evidencia o nível de percepção prosódica dos alunos de Escola Pública e Particular de Vitória da Conquista/ Bahia na frase: **“A madrinha, que era fada, disse baixo a Cinderela: Você gostaria de ir ao baile, não é?”**

**Tabela 6** – Porcentagem de alunos do 3º ao 5º ano de escolas pública e particular que percebem e que não percebem o MPL “*disse baixo*” presente na leitura e frase alvo prosodicamente marcada

ANO	ESCOLA PÚBLICA		ESCOLA PARTICULAR	
	% de alunos que <b>percebem</b>	% de alunos que <b>não percebem</b>	% de alunos que <b>percebem</b>	% de alunos que <b>não percebem</b>
3º	50	50	83	17
4º	17	83	33	67
5º	33	67	17	83

Fonte: Elaboração própria.

Ao observar a tabela 6 verificamos que os alunos de Escola Particular conseguem perceber as variações prosódicas. Ainda de acordo com os números apresentados na tabela 6, é notável que poucos alunos (as) da Escola Pública conseguem notar essa variação melódica na leitura do texto após a oitava.

Um dado interessante que essa tabela nos apresenta é que os alunos (as) do 5º ano, tanto da Escola Particular quanto da Escola Pública, são os que menos percebem a diferença na variação prosódica.

De acordo com a literatura usada no nosso suporte teórico, leitores fluentes têm mais facilidades de ler e de perceber as variações melódicas da fala. Partindo desse pressuposto, os alunos (as) do 5º ano teriam que ter a média mais elevada por perceberem essa variação na leitura do texto.

A tabela 7 apresenta a comparação das respostas dos alunos (as) de Escola Pública e Particular de Vitória da Conquista/Bahia no fragmento do texto de Cinderela com MPL *Disse alto* presente na leitura e frase alvo prosodicamente marcada na frase: Em seguida *disse alto* a Cinderela: **“Vá ao jardim, e encontrará seis lagartos atrás do regador. Traga-os para mim.”**

**Tabela 7** – Porcentagem de alunos (as) do 3º ao 5º ano de escolas pública e particular que percebem e que não MPL “*Disse alto*” presente na leitura e frase alvo prosodicamente marcada

ANO	ESCOLA PÚBLICA		ESCOLA PARTICULAR	
	% de alunos que percebem	% de alunos que não percebem	% de alunos que percebem	% de alunos que não percebem
3º	67	33	50	50
4º	67	33	17	83
5º	50	50	33	67

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados encontrados na tabela 8 evidenciam que os alunos (as) de Escola Pública perceberam em números expressivos a marcação prosódica ao escutar a leitura do texto. Já os alunos (as) da Escola Particular tiveram números relativamente altos ao assinalar a resposta errada, deixando evidente que não conseguiram perceber a variação entoacional da fala. Acreditávamos que por a frase está sob incidência do Marcador Prosódico Lexical *disse alto* e devidamente marcada tanto os alunos (as) de Escola Pública quanto os alunos (as) de escola Particular iam perceber essa variação.

E mais uma vez os dados encontrados deixam claro que os alunos do 3º e do 4º ano conseguem perceber mais as variações prosódicas do que os alunos do 5º ano.

A tabela 8 evidencia as respostas dos alunos (as) de Escola Pública e Particular de Vitória da Conquista/Bahia no fragmento do texto de Cinderela com o MPL *disse baixo* presente na leitura e frase alvo não prosodicamente marcada na frase: **“O próprio rei, apesar de bem velhinho, não se cansava de fitá-la e *disse baixo* para a rainha: faz muito tempo que eu não vejo uma pessoa tão bonita e tão encantadora”**.

**Tabela 8** – Porcentagem de alunos do 3º ao 5º ano de escolas pública e particular que percebem e que não MPL “*disse baixo*” presentes na leitura e frase alvo não prosodicamente marcada

ANO	ESCOLA PÚBLICA		ESCOLA PARTICULAR	
	% de alunos que percebem	% de alunos que não percebem	% de alunos que percebem	% de alunos que não percebem
3º	17	83	50	50
4º	17	83	17	83
5º	-	100	50	50

Fonte: Elaboração própria.

Conforme a tabela 8, os dados são significativos quando observamos os resultados da escola Pública e notamos que grande parte dos alunos (as) não conseguem perceber.

Nessa frase o MPL *disse alto* está explícito, mas a voz do da leitora não muda, ou seja, não tem nenhum de variação melódica. Os alunos (as) da Escola Particular também tiveram números significativos por não perceberem que não houve alteração na variação melódica da voz da leitora.

Mais uma vez os alunos do 5º ano da escola Pública teve o número mais alto na média dos alunos que não perceberam a variação prosódica da leitura. Dessa vez, ninguém conseguiu perceber a variação entoacional o que vem a confrontar a literatura utilizada.

A tabela 8 evidencia as respostas dos alunos (as) de Escola Pública e Particular de Vitória da Conquista/Bahia no fragmento do texto de Cinderela com o MPL *disse alto* presentes na leitura e frase alvo não prosodicamente marcada na frase: **“Como demoraram de chegar!” Disse alto Cinderela, esfregando os olhos e se espreguiçando como se tivesse acabado de acordar; na verdade não sentira nem um pingo de sono desde que as deixara”**.

**Tabela 9** – Porcentagem de alunos (as) do 3º ao 5º ano de escolas pública e particular que percebem e que não MPL “*disse alto*” presente na leitura e frase alvo não prosodicamente marcada

ANO	ESCOLA PÚBLICA		ESCOLA PARTICULAR	
	% de alunos que percebem	% de alunos que não percebem	% de alunos que percebem	% de alunos que não percebem
3º	33	67	17	83
4º	17	83	50	50
5º	50	50	-	100

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com a tabela 9, os números dos alunos (as) das duas escolas que conseguem perceber a variação entoacional ainda é insignificante. Mais uma vez, os dados são nítidos a respeito dos alunos (as) do 5º ano, mostrando os números que dizem respeito a alunos (as) do 5º ano de Escola Particular confronta a nossa hipótese de que alunos(as) de Escola privada, filhos de pais com graduação completa e nível socioeconômico mais elevado têm maior nível de percepção prosódica; e infelizmente não foi isso que os dados apontaram.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura conta com itens lexicais que direcionam o leitor às variações melódicas e entoacionais. Esses itens lexicais são marcadores prosódicos que remetem a variações prosódicas específicas. Na leitura de um texto são esperadas variações melódicas compatíveis com esses marcadores prosódicos lexicais (SANTOS, 2016, p. 138).

Nesta pesquisa, procuramos investigar o nível de percepção prosódica dos alunos das séries iniciais de escolas públicas e privadas da cidade de Vitória da Conquista/BA, considerando-se o nível de escolaridade dos pais desses alunos, bem como considerando-se o hábito de leitura de pais e alunos.

Verificamos que os questionários aplicados para os informantes com o intuito de avaliar o nível socioeconômico e o hábito de leitura apontaram que os pais de alunos (as) oriundos de Escola Particular, em sua maioria, têm Graduação Completa ou Incompleta, costumam comprar livros e possuem hábito de leitura. Os pais de alunos (as) da Escola Pública, em maioria, só concluíram o Ensino Médio, não costumam comprar livros, mas disseram possuir hábito de ler.

Dessa forma, ao analisarmos os dados dos pais, percebemos que os dados obtidos por meio da resposta dos pais correlacionada com as respostas dos alunos são relevantes e tem ligação perfeita com o que foi esperado por nós.

Sendo assim, foi possível perceber que os alunos (as) do 4º ano de Escola Pública disseram gostar de ler, mas não costumam ler em casa. Conforme as respostas dos pais desses alunos, os resultados atingidos nos levaram a entender que os pais não costumavam comprar livros, o quê nas famílias de alunos da Escola Particular ocorre expressivamente. Dessa maneira, chegamos a conclusão de que os alunos (as) não costumam ler em casa porque não tem livros.

De acordo com os testes de percepção aplicado, foi possível identificar que a maioria dos alunos – Com exceção dos alunos de escola pública, na frase 3 - das duas escolas não conseguem perceber as frases que se encontram sob incidência dos Marcadores Prosódicos Lexicais de Volume – *Disse alto e Disse baixo*, marcando, sempre, as respostas contrárias ao Marcador e/ou assinalando que as frases estavam normais.

A nosso ver este trabalho demonstra a importância da leitura bem como da fluência de leitura para que os alunos (as) possam compreender e analisar as variações melódicas da fala, visto que estas variações ocupam um lugar significativo no processo de compreensão e entendimento da leitura. Contudo, ressaltamos a importância da prosódia e dos Marcadores Prosódicos na leitura, reconhecendo que um leitor fluente deve assumir e marcar as variações prosódicas assumindo o seu protagonismo como condutor e formador de leitores proficientes. Esta afirmação levanta reflexões sobre o protagonismo da prosódia e dos Marcadores Prosódicos nas atividades de leitura e sugere caminhos para futuras investigações.

## REFERÊNCIAS

ALLINGTON, R. L. *Fluency: The neglected reading goal*. The Reading Teacher, 1983.

BREZNITZ, Z. *Fluency in reading: synchronization of processes*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.

CAGLIARI, L.C. et.al. Elementos para uma investigação instrumental das relações entre padrões rítmicos e processos fonológicos no Português Brasileiro. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 10, p. 39-57, 1986.

CAGLIARI, L.C. Breve História da Pontuação. In: *Congresso Brasileiro de Linguística*. CAGLIARI, L.C. Marcadores prosódicos na escrita. In: Seminário do Grupo de estudos Linguísticos, 18, 1989, Lorena. Anais. Lorena: Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo, p. 195-203, 1989.

CAGLIARI, L.C. Prosódia: Algumas Funções dos Supra-segmentos. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.23, p 137-151, 1992.

CAGLIARI, L.C. *A Estrutura Prosódica do romance A Moreninha*. Oxofor: Estágio Pós-Doutoral, 2002. (Relatório).

CUTLER, A; et al. Prosody in the Comprehension of Spoken Language: A Literature Review. *Language and Speech*, London, v. 40, n. 2, 1997.

DICIONÁRIO A. E. Século XXI. Enciclopédia Digital. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Novembro de 1999. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/lus%C3%B3fono/>>. Acesso em 05 set. 2019.

ERICKSON, D; et al. Articulatory Correlates of Prosodic Control: Emotion and emphasis. *Language and Speech*, London, v. 41, n. 3-4, p. 399-417, 1998.

Good RH 3rd; et al. The importance e decisionmaking utility of a continuum of fluency-based indicators of foundational reading skills for third-grade highstakes outcomes. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1207/S1532799XSSR0503\\_4](http://dx.doi.org/10.1207/S1532799XSSR0503_4). Acesso em: 17 jul. 2019.

HUDSON, R. F; et al. Reading fluency assessment and instruction: What, why, and how? *The Reading Teacher*, New York, v. 58, n. 8, 702-714, May 2005.

KUHN, M.; STAHAL, S. A. Fluency: a review of development and remedial practices. *Journal of Educational Psychology*, v. 95, p. 3-21, 2003.

LEFFA, V. J. Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social. In: *O ensino de leitura e produção textual: alternativas de renovação*. Pelotas: Educat, 1999.

MARTINS, M. R. D. *Ouvir Falar*: Introdução à Fonética do Português. ed. 3. Lisboa: Caminho, Série Linguística, 1988.

MATEUS M. H. M., et al. *A Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

MORAIS, J. *A arte de ler*. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

PACHECO, V. *Estudo dos Marcadores Prosódicos através de uma investigação acústico-perceptual de textos lidos por falantes do português do Brasil*. 2003. 132 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

PACHECO, V. *O efeito dos estímulos auditivo e visual na percepção dos marcadores prosódicos lexicais e gráficos usados na escrita do português brasileiro*. 2006. 349f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.

PACHECO, V. Evidências do funcionamento da língua oral no texto escrito. *Interseções*, v. 1, 2008.

PERFETTI, C. *Reading ability*. New York: Oxford University Press, 1985.

SANTOS, A. *O papel dos marcadores prosódicos na fluência de leitura*; Dissertação (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, 2016.

SHATUCK-HUFNAGEL, S. & TURK, AE. A prosody Tutorial for investigators of Auditory Sentences Processing. *Journal of Psycholinguistic Research*, Warsaw, v. 25, n. 2, 1996.

SHREIBER, P.A. Understanding prosody's role in reading acquisition. *Theory into Practise*. v.30, nº 3, 1991.

SMITH, F. *Compreendendo a leitura. Uma análise psicolinguística do aprender a ler*. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1989.

STEVENS, K.N.; KLATT, D.H. Role of formant transitions in the voiced-voiceless distinction for stops. *Journal of the Acoustical Society of America*. New York, v. 55, n.3, p. 653-59, mar. 1974.